

A PÁGINA DE ARQUITETURA DO *JORNAL DE LETRAS E ARTES* DIRIGIDA POR PEDRO VIEIRA DE ALMEIDA, 1965/1968¹

Nuno Correia

JLA, 1961/1965

O “Jornal de Letras e Artes” foi criado em 1961 como um jornal semanal, a primeira edição publicou-se no dia 4 de Outubro.² Passados cerca de dois meses, o JLA publica a primeira crónica de Arquitetura, intitulada “Pioneiros de uma renovação”, assinada por Nuno Portas e acompanhada por com uma nota editorial que anunciava a continuidade daquelas crónicas de Arquitetura, que deveriam publicar-se com uma regularidade quinzenal:

“«Jornal de Letras e Artes» inicia hoje a publicação de uma crónica quinzenal de arquitetura, destinada a abrir um diálogo com o público não especializado em torno do problema da arquitetura – nos seus aspetos urbanísticos, da construção de edifícios ou da decoração e desenho de objetos de uso comum. [...] São responsáveis pela continuidade destas crónicas quinzenais os arquitetos Nuno Portas, Fernando Gomes da Silva, António Freitas e Carlos S. Duarte.”³

Fernando Gomes da Silva não viria a ser um dos autores das crónicas seguintes, e também não seria sempre cumprida a periodicidade quinzenal anunciada mas, na verdade, sobretudo ao longo de todo o ano seguinte, 1962, publicaram-se no JLA uma série de crónicas de Arquitetura assinadas por alguns dos autores mais jovens da 3ª geração da Arquitetura Moderna portuguesa, que eram também alguns dos editores ou colaboradores mais regulares da recentemente renovada revista “Arquitectura”. Que foram responsáveis por essa renovação da revista, e que a conduziram no início da sua 3ª série, que começou a ser publicada em 1957.

Ao longo de todo esse ano de 1962, e ainda durante o início de 1963, foram publicados no JLA artigos incontornáveis para compreender o debate arquitetónico em Portugal na transição da primeira para a segunda metade do século XX – Artigos de Nuno Portas, Carlos Duarte, Francisco Silva Dias, António Freitas, e Manuel João Leal.

Por um lado, nesses artigos é possível reconhecer alguns dos principais temas que a nova geração pretendia ver aprofundados, e que tinham sido já colocados no centro do debate na revista “Arquitectura”, nas edições

1. Agradeço a Maria Helena Maia e a Tiago Lopes Dias a imensa disponibilidade com que colaboraram na redação deste texto – Toda a documentação fornecida e muitas informações importantes sobre a vida e obra de Pedro Vieira de Almeida.

2. Propriedade da Editora “Lux, Lda”, o JLA era dirigido por Azevedo Martins, o Editor era Alexandre Martins.

3. Portas, Nuno. “Pioneiros de uma renovação”, *Jornal de Letras e Artes*, nº11, 13 de Dezembro 1961, p. 2.

entretanto publicadas da 3ª série. Artigos onde se manifestava a vontade de continuidade histórica com o passado recente; a necessidade de aprofundar o conhecimento da realidade portuguesa; e a necessidade de integrar a experiência de outras áreas do conhecimento, em relação às quais a Arquitetura não podia manter-se isolada⁴ – do conhecimento das outras Artes e do conhecimento das ciências sociais e humanas.

Artigos sobre o reconhecimento da importância da frágil Arquitetura Moderna Portuguesa da 1ª metade do século XX – “Pioneiros de uma Renovação” (Nuno Portas); artigos sobre a importância da cultura tradicional e da recuperação dos valores urbanos da cidade histórica – “A Senhora do Cabo, no Espichel”, e “Centros Urbanos” (António Freitas); mas também, claro, artigos onde se declarava que era fundamental rever alguns dos princípios formais do Movimento Moderno, rever a linguagem universalista do “Estilo Internacional” e alguns dos princípios urbanísticos excessivamente funcionalistas expressos na Carta de Atenas – “A arquitetura do Sul”, e “O corpo das cidades”, (Francisco da Silva Dias), “Arquitetura integrada?” (Nuno Portas).

Mas, por outro lado, a leitura desses artigos, publicados durante os dois primeiros anos de edição do JLA, ajuda a compreender a importância que teve naquele momento o aumento da publicação de textos de Arquitetura em revistas de crítica literária e de Artes, para o crescimento da produção de pensamento teórico protagonizado pela nova geração.

Em Portugal, as revistas de cultura literária e artística precederam sempre as revistas de Arquitetura em capacidade de afirmação – A revista “Orpheu”, criada em Lisboa em 1915, embora editada por um período muito curto; a revista “Seara Nova”, criada em 1921, também em Lisboa, que se publicou com regularidade até ao final dos anos 70, e que voltou a publicar-se a partir da década seguinte; a revista “Presença”, que se editou em Coimbra entre 1927 e 1940; a revista “Vértice”, criada também em Coimbra, em 1942, e que se publica ainda atualmente, embora editada em Lisboa.

Pela leitura dessas revistas na viragem dos anos 50 para os anos 60, é possível compreender melhor como a experiência dessas publicações, com uma capacidade de implantação muito superior à das revistas de Arquitetura, ajuda à afirmação da crítica de Arquitetura como uma disciplina independente, e de certo modo lhe serve de modelo.

Em 1957, no mesmo ano em que inicia a 3ª série da revista “Arquitectura”,⁵ realizam-se as primeiras emissões de televisão em Portugal. No ano seguinte, em 1958, termina a publicação da revista “Arquitectura Portuguesa – e cerâmica e edificação”, e foi criada a revista “Binário”.

Nessa altura foram também criadas novas publicações de crítica literária e de Artes – a revista “Colóquio – Artes e Letras”, em 1959, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian; a revista “O Tempo e o Modo”, em 1963; e o “Jornal de Letras e Artes”, em 1961.

4. Tal como tinha sido anunciado no primeiro Editorial da 3ª série da revista “Arquitectura”, publicado no nº60, de Outubro de 1957 (pp. 3-4).

5. Dirigida por um grupo da nova geração que substituiu a geração anterior, constituída sobretudo por arquitetos nascidos na década de 1910, a 2ª geração da Arquitetura Moderna portuguesa, que tinha criado o grupo ICAT e tinha editado a 2ª série da revista durante cerca de 10 anos, entre 1946 e 1956.

É fundamental recordar estas transformações do universo editorial português na viragem dos anos 1950 para os anos 1960, para compreender a situação do debate arquitetónico em Portugal, e para compreender o significado cultural da “Página de Arquitetura” do JLA, dirigida por Pedro Vieira de Almeida entre 1965 e 1968.

O «espaço-perdido»

No início de 1965, as crónicas de Arquitetura recuperam o protagonismo que tinham tido antes nas edições do JLA. Em Janeiro desse ano, Pedro Vieira de Almeida inicia a publicação de uma série de quatro artigos, intitulada “O «espaço-perdido» – proposta para a sua revalorização crítica”, que se publicou entre 27 de Janeiro e 4 de Agosto de 1965. E na edição de 27 de Outubro desse ano, com a publicação de uma crónica intitulada “Arquitetura – como disciplina interdisciplinar”, o autor anuncia a criação de uma “Página de Arquitetura” no JLA que passaria a ser dirigida por si.⁶

Os artigos da série «espaço-perdido» precederam, portanto, a criação da “Página de Arquitetura”, e pode deduzir-se que estão na sua origem, mas a importância desses textos para o debate arquitetónico naquele momento ultrapassa essa mera precedência cronológica.

Seguramente, esses quatro artigos estão entre os textos mais importantes de Pedro Vieira de Almeida publicados na década de 1960, e representam uma das propostas mais originais sobre o modo de interpretar a evolução da Arquitetura Moderna, e sobre o modo de antecipar como seria possível fazê-la entrar numa nova fase.

Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) era um dos arquitetos mais jovens da nova geração,⁷ tinha concluído o CODA em 1962,⁸ com uma dissertação intitulada “Ensaio sobre o espaço da Arquitetura”, e tinha começado a colaborar com a edição da revista “Arquitectura” com a tradução de um texto de Louis Kahn, publicado ainda em 1962.⁹

No ano seguinte, a revista inicia uma publicação parcial do texto da sua dissertação, que foi editada em três partes. E, em 1964, PVA publica na revista “Análise Social” um artigo intitulado “Da utilidade social da arquitetura”.¹⁰

Esse percurso inicial, e essa produção teórica, são uma chave importante para compreender o significado da teoria desenvolvida em “O «espaço-perdido»”. Assim como para a generalidade dos arquitetos da geração de Pedro Vieira de Almeida, a leitura da “Storia dell'architettura moderna”, de Bruno Zevi (1950), teve uma influência decisiva na sua formação, e haveria de continuar a influenciar o seu pensamento ao longo dos anos seguintes. Mas, essa leitura podia sugerir vários caminhos que não lhe interessavam necessariamente.

A lição que interessava a Pedro Vieira de Almeida aprender com Bruno Zevi era a definição do espaço como a essência da Arquitetura.

6. Pedro Vieira de Almeida passa a integrar a ficha técnica do JLA, designado redator permanente.

7. A 3ª geração da Arquitetura Moderna portuguesa, constituída sobretudo por arquitetos nascidos na década de 1920, e início da década de 1930.

8. A defesa pública do CODA (Concurso para Obtenção do Diploma em Arquitetura), na Escola de Belas Artes do Porto, foi em Março de 1963.

9. Vieira de Almeida, Pedro. (Tradução), *Arquitectura*, nº74, Março 1962, pp. 23-29.

10. Vieira de Almeida, Pedro. “Da utilidade social da arquitetura”, *Análise Social*, nº6, Abril 1964, pp. 237-248.

Embora de um modo completamente diferente, a obra de Louis Kahn também já tinha começado a despertar o interesse da crítica, e podia ser tomada como referência para uma grande parte dos arquitetos da nova geração em Portugal. Mas, tal como acontecia com Bruno Zevi, o interesse que despertavam em Pedro Vieira de Almeida as propostas de Louis Kahn, explicava-se pelo o facto desse autor falar da sua obra em termos de espaço, e de procurar definir conceitos de Arquitetura sempre a partir da noção de espaço.

Essa definição de conceitos, representava uma proposta para atribuir significados às diferentes aplicações que se podiam manifestar numa conceção genérica de espaço. Tanto do ponto de vista do uso de um edifício, como do Projeto e da construção de um pensamento teórico em Arquitetura.

Tal como a generalidade dos arquitetos da sua geração, Pedro Vieira de Almeida também estava motivado a cruzar a teoria da Arquitetura com diferentes áreas do conhecimento. E, naquele momento, o conhecimento produzido pelas ciências sociais e humanas era praticamente obrigatório, para quem pretendia fazer a Arquitetura Moderna sair do impasse em que se encontrava.

Pedro Vieira de Almeida não era exceção, como demonstrava o artigo publicado na revista “Análise Social”. Mas naquele momento, não havia nenhuma forma consensual de o fazer, e não parecia haver nenhuma forma completamente segura.

“O «espaço-perdido»” e a proposta para a sua revalorização crítica, era uma tentativa de resposta a esse impasse histórico.

Por um lado, era bastante evidente a necessidade de ultrapassar uma conceção estritamente funcionalista do espaço – sobretudo, depois dessa conceção se ter transformado num sistema de linguagem, e num sistema único, universal. Mas, por outro lado, não era fácil imaginar como é que essa racionalidade funcional do espaço podia ser posta em causa. Porque essa racionalidade continuava a ser uma das exigências fundamentais da Arquitetura.

“O «espaço-perdido»” e a proposta para a sua revalorização crítica, é uma tentativa de reagir a essa aparente impossibilidade teórica.

No primeiro artigo da série, “O «espaço-perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica”, o autor explica que se propõem enunciar «problema crítico», que não é exclusivo do caso português, porque, por um lado, esse problema crítico corresponde a um tema crucial da Arquitetura contemporânea internacional, mas, por outro lado, também porque considera que a produção de pensamento crítico em Portugal deve acompanhar o debate internacional, e deve romper com o isolamento.

E explica que se propõe analisar essa «categoria-crítica», o conceito de «espaço-perdido», em três tipos de edifícios – edifícios escolares, habitação, e Igrejas.

Cada um desses grupos foi analisado depois em cada um dos artigos seguintes.

“Por isso [...] ao propor uma categoria-crítica tentarei provar a sua existência [...] em alguns sectores da arquitetura.

Para o conseguir servir-me-ei sucessivamente da análise de três exemplos que suponho relevantes: a) evolução dos edifícios escolares; b) evolução da habitação; c) evolução das Igrejas.”¹¹

Em relação à análise da evolução dos edifícios escolares, Pedro Vieira de Almeida fala de uma tendência progressiva para a valorização de espaços destinados a uma certa “indeterminação funcional”. E argumenta que nesses espaços, e nessa indeterminação funcional, se concretiza muito melhor a essência dos objetivos fundamentais daqueles edifícios, do que nas chamadas áreas úteis – os átrios, os corredores mais largos onde os alunos se encontram, espaços que cumprem uma função social.

Em relação ao caso da habitação, o autor identifica a versatilidade de alguns espaços como uma das possíveis aplicações do conceito de «espaço-perdido». Mas, esclarece também que se trata de uma exceção relativamente ao conjunto dos casos analisados, e explica a ocorrência de uma interrupção nessa tendência geral para a criação de espaços intermédios, de articulação entre as diferentes funções base da habitação, pelas exigências implacavelmente funcionalistas da Arquitetura Moderna da 1ª metade do século XX, que se impuseram sobretudo no caso da habitação.

Sobre o espaço das igrejas, Vieira de Almeida fala dos espaços de deambulatório, e de outros que poderiam ser considerados inúteis para a assembleia dos fiéis, por não existir contacto visual direto com o altar, como espaços integrantes da própria origem dos edifícios religiosos, e espaços que poderiam ser incluídos na categoria de «espaços-perdidos».

A Página de Arquitetura

Depois da publicação do último artigo da série “O «espaço-perdido»”, em Agosto de 1965, na edição de 27 de Outubro do mesmo ano Pedro Vieira de Almeida publica no JLA uma crónica intitulada “Arquitetura – como disciplina interdisciplinar”, onde explica alguns dos princípios que deveriam orientar uma nova secção do Jornal, a que chamava “Página de Arquitetura”, e pela qual passaria a ficaria responsável.

“Constituindo esta página o primeiro exemplar de uma secção que agora se abre no «Letras e Arte», não é certamente despropositado o esclarecimento do esquema mental em que ela se insere, de qual a possível contribuição que pensa poder dar à divulgação e ao estudo dos problemas de que pretende ocupar-se.”¹²

11. Vieira de Almeida, Pedro. “O «espaço-perdido» – Proposta para a sua revalorização crítica”, *Jornal de Letras e Artes*, nº174, 27 de Janeiro 1965, p. 14.

Nessa crónica inicial, o autor apresenta o debate sobre a Arquitetura como um problema cultural, e manifestava o desejo de que aquela “Página” pudesse cumprir uma função pedagógica.

Pedro Vieira de Almeida explica também que não lhe interessa simplesmente a apresentação de factos-notícia, interessava-lhe a possibilidade de analisar alguns dos acontecimentos da atualidade e, através dessa análise, poder expor o método crítico dos arquitetos.

Por um lado, a leitura da “Página de Arquitetura” devia permitir a um leitor não familiarizado com a crítica de arquitetura acompanhar a atualidade do debate, e ir encontrando pontos de contacto entre esse debate e a realidade contemporânea. Mas, por outro lado, devia ser também um lugar de investigação para os principais problemas que preocupavam a sua geração.

Para um leitor não especializado, era possível perceber que a nova geração da Arquitetura Moderna enfrentava uma crise de crescimento. Mas, para leitores os mais cultos, e para os arquitetos, era possível perceber também de que modo se situava o autor em relação às novas possibilidades de pensamento crítico que se abriam naquele momento.

“Pretende-se assim fazer conhecer a real situação da arquitetura de hoje, certamente de impasse e de crise [...]. Muitos dos artigos que virão a ser publicados serão talvez dispares e inconclusivos, mas é a nossa realidade de arquitetos, é esse material crítico com que temos de trabalhar [...].

A dissolução de um mundo fechado e auto suficiente da arquitetura, e o abrir-se de um outro, o do método e da necessidade [de] crítica e de investigação, são no fundo as características de um movimento moderno renovado e re-integrado culturalmente.”¹³

Pela leitura das crónicas publicadas depois, entre Novembro de 1965 e Abril de 1968, foi-se tornando possível perceber de que modo se poderia fazer essa abertura de um mundo anteriormente fechado a um mundo organizado pela existência de um método, pela presença de uma atividade crítica permanente, e pelo seu aprofundamento através da investigação. Foi-se tornando possível perceber de que modo se poderia fazer essa abertura segundo Pedro Vieira de Almeida.

Já sabemos a importância que teve para a sua geração a leitura de Bruno Zevi. Sabemos a importância que teve a abertura da Arquitetura ao confronto com outras áreas do conhecimento, com as ciências sociais e humanas e com as ciências exatas. Mas, pela leitura das crónicas publicadas na “Página de Arquitetura”, ficamos a saber que o autor não está especialmente seduzido pelas ciências exatas. Interessam-lhe sobretudo as experiências da Antropologia Cultural e da Sociologia, ou da Psicologia Social. É esse o método crítico a que recorre.

A leitura de Bruno Zevi também sugeria uma série de possibilidades – de

12. Vieira de Almeida, Pedro. “Arquitetura – como disciplina interdisciplinar”, *Jornal de Letras e Artes*, nº213, 27 de Outubro 1965, p. 5.

13. Idem.

modelos de interpretação e de modelos arquitetónicos – que não interessavam especialmente a Pedro Vieira de Almeida. O facto de situar a origem da Arquitetura Moderna num momento histórico anterior à origem dos CIAM (1928), e a importância da Arte Nova para o demonstrar; ou a identificação da Arquitetura Orgânica como um modelo a seguir, e a importância da obra de Frank Lloyd Wright, ou de Alvar Aalto; essas fórmulas não serviam a Pedro Vieira de Almeida.

Em relação à crítica ao “Estilo Internacional”, o autor também não estava particularmente seduzido pelos contra-modelos que iam sendo lançados permanentemente para o debate. Em reação ao “Estilo Internacional” Vieira de Almeida argumentava com a necessidade de uma “consciência crítica”.

Também não se parecia especialmente seduzido pelo debate promovido nos Encontros do “Team 10”. Não parecia interessar-lhe muito a mega-escala, a resolução de muitos problemas de uma vez só, nem o conceito de uma “obra aberta”, que se podia ir solucionando ao longo do tempo, e que se podia calcular antecipadamente com o recurso a sistemas informáticos e matemáticos.¹⁴

Da leitura de Bruno Zevi, interessava a Pedro Vieira de Almeida a definição do espaço como a essência da Arquitetura. Do debate produzido pelos protagonistas do período final dos CIAM, interessavam-lhe mais alguns conceitos definidos por Louis Kahn, e a utilização desses conceitos como um método para organizar o pensamento.

Se os artigos da série «espaço-perdido» estão, seguramente, entre os seus textos mais importantes publicados na década de 1960, os textos da “Página de Arquitetura” representam uma experiência fundamental para o modo como o autor viria a desenvolver a sua atividade intelectual ao longo das décadas seguintes.

Ainda durante essa década de 60, mesmo durante o período em que mantinha a responsabilidade pela direção da “Página de Arquitetura”, a publicação de artigos de crítica em publicações periódicas passou a ser uma prática regular para Pedro Vieira de Almeida.

Ainda nesse período, além dos textos publicados na revista “Arquitectura”, e na revista “Hogar y Arquitectura” (Espanha, 1967), o autor publicou artigos importantes nas revistas “Análise Social” (1964), e “Colóquio – Artes e Letras” (1965).

Mas, depois da década de 1960, depois dessa experiência com a “Página de Arquitetura” do JLA, continuou a publicar regularmente textos de crítica e de teoria da Arquitetura em numerosas publicações periódicas. Publicou artigos em publicações periódicas de Arquitetura – revista “Arquitectura” (até 1985), “Jornal dos Arquitectos” (1982-2000, 2012); revistas de crítica literária e de Artes – “Seara Nova” (1969), “Colóquio – Artes” (1983, 1991); de ciências sociais – “Informação Social” (1969-70); ou simplesmente jornais e revistas informativas da atualidade – “O Comércio do Porto” (1967-68), “A Capital”

14. É assim que interpreto a observação que faz na crónica “Blow-Up” a um comentário de Nuno Portas.

(1968-70), “O Século” (1970), “O Século Ilustrado” (1970-72), “O Expresso” (1974), “Diário de Lisboa” (1980-1988).¹⁵

E essa atividade editorial acabou por se revelar fundamental, não apenas para a divulgação da Arquitetura como um problema cultural, mas para a própria produção teórica de Pedro Vieira de Almeida.

JLA 1968/1970

A “Página de Arquitetura” do JLA publicou-se entre 1965 e 1968, embora com uma periodicidade irregular. Essa era uma característica habitual em publicações relacionadas com Arquitetura mas, naquele momento, essa irregularidade coincidia também com uma série de dificuldades sentidas pelos editores do Jornal, que foram manifestadas ao longo do tempo em sucessivos Editoriais, e que viriam a conduzir à suspensão definitiva da publicação do JLA em 1970.

A publicação do JLA esteve interrompida durante quase todo o ano de 1967, entre Novembro de 1966 e Dezembro de 1967, e quando regressou à atividade o Jornal deixou de ser editado semanalmente e passou a ser mensal, publicado em formato de revista.

Algum tempo depois da publicação da última crónica da “Página de Arquitetura”, em Abril de 1968, num Editorial que assinalava o aniversário do JLA, que se celebrava no mês de Outubro, os editores recordavam uma série de dificuldades que tinham sempre conseguido ultrapassar, e reafirmavam a sua confiança na continuidade do JLA.¹⁶

Mas apesar dessa determinação dos editores, algum tempo depois dessa renovação e tentativa de reanimação do JLA, a sua edição volta a ser interrompida durante mais de meio ano. Depois da publicação do número de Dezembro de 1968, só viria a publicar-se de novo em Agosto de 1969. E o JLA viria a terminar no ano seguinte.¹⁷

E durante o seu último ano de atividade, publicaram-se ainda alguns artigos de Arquitetura – Artigos de Luís Noronha da Costa, Álvaro Cabral de Melo, Duarte Nuno Simões, e Eduardo Trigo de Sousa.

Mas, apesar dessas dificuldades, entre Janeiro de 1965 e Abril de 1968, a “Página de Arquitetura” publicou-se durante mais de três anos, se considerarmos também os artigos da série «espaço-perdido», com textos de Pedro Vieira de Almeida que são agora reunidos em livro, reeditados pelas publicações do CEAA.

15. Lopes Dias, Tiago. *Teoria e desenho da Arquitetura em Portugal, 1956-1974 – Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida*, Tese apresentada para obtenção do título de Doutor, UPC, Barcelona, 2017, pp. 368-371.

16. “No limiar do VIII ano”, *Jornal de Letras e Artes*, nº266, Outubro 1968, p. 3.

17. A edição nº277, de Julho de 1970, foi a última encontrada. Não foi possível confirmar se trata da última edição realmente publicada.